Perspectivas & Diálogos: Revista de história social e práticas de ensino
ISSN 2595-6361, v. 8, n. 16 – 2025
DCH – UNEB / *campus* VI

Dossiê Temático

OS TEMPLOS DA COLÔNIA ÚLPIA TRAJANA: RELIGIÃO, IDENTIDADE E MEDIAÇÃO CULTURAL

THE TEMPLES OF COLONIA ULPIA TRAIANA: RELIGION, IDENTITY, AND CULTURAL MEDIATION

LOS TEMPLOS DE LA COLONIA ULPIA TRAIANA: RELIGIÓN, IDENTIDAD Y MEDIACIÓN CULTURAL

Matheus Morais Cruz
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP)
matheusmrcruz@gmail.com
ORCID: 0000-0001-5821-6056

Resumo

Este artigo analisa os templos e práticas cultuais da Colônia Úlpia Trajana (Xanten, Alemanha), destacando sua relevância nas dinâmicas religiosas, culturais e identitárias da região. Três edifícios sacros estruturavam a paisagem urbana: o Capitólio, associado à Tríade Capitolina e possivelmente ao culto imperial; o Templo do Porto, situado entre as esferas religiosa e cívico-política; e o Templo das Matronas, expressão da persistência de cultos céltico-germânicos reinterpretados sob influência romana. A análise dessas evidências atesta um cenário de pluralidade religiosa e sincretismo, no qual práticas locais e culto oficial se articulam. O estudo examina o culto às Matronas como indicador de negociação cultural e romanização, e discute a origem dos cugernos, grupo populacional que habitava a região e cuja formação remonta ao reassentamento de povos germânicos e gauleses no Baixo Reno, sugerindo uma base galo-romana híbrida e relativizando a hipótese de uma origem exclusivamente germânica do assentamento. Os templos são interpretados como instrumentos de mediação cultural e marcadores de identidade comunitária em uma região fronteiriça do Império Romano.
Palavras-chave: Colônia Úlpia Trajana; Templos romanos; Culto às Matronas; Cugernos; Sincretismo.

Abstract

This article analyzes the temples and cultic practices of Colonia Ulpia Trajana (Xanten, Germany), highlighting their significance in the religious, cultural, and identity dynamics of the region. Three sacred buildings structured the urban landscape: the Capitolium, associated with the Capitoline Triad and possibly the imperial cult; the Harbor Temple, situated between religious and civic-political spheres; and the Temple of the Matronae, reflecting the persistence of Celtic-Germanic cults reinterpreted under Roman influence. The analysis of this evidence reveals a context of religious plurality and syncretism, in which local practices and the official cult intertwined. The study examines the cult of the Matronae as an indicator of cultural negotiation and Romanization, and discusses the origin of the Cugerni, a population group inhabiting the region whose formation dates back to the resettlement of Germanic and Gallic peoples in the Lower Rhine, suggesting a hybrid Gallo-Roman base and relativizing the hypothesis of an exclusively Germanic origin of the settlement. The temples are interpreted as instruments of cultural mediation and markers of communal identity in a frontier region of the Roman Empire.
Keywords: Colonia Ulpia Traiana; Roman temples; Cult of the Matronae; Cugerni; Syncretism.

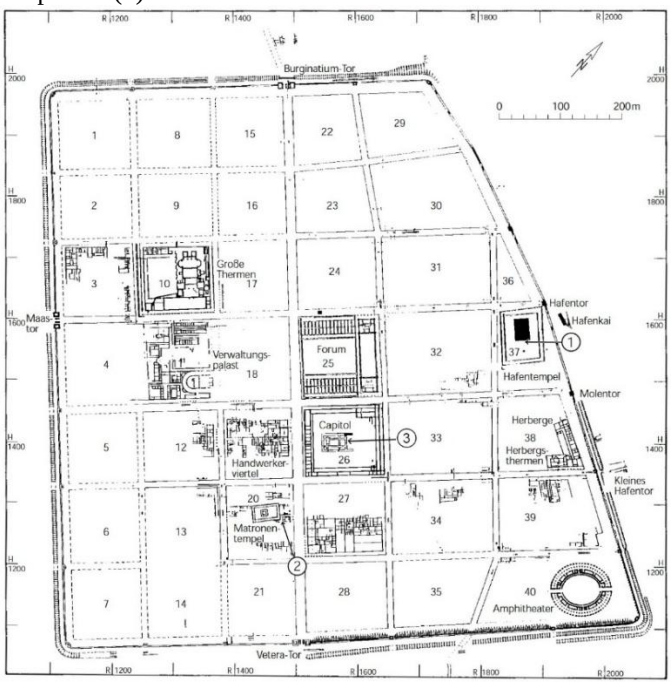
Recebido: 26 de agosto de 2025
Aprovado: 13 de março de 2026
Publicado: 28 de março de 2026

Resumen
Este artículo analiza los templos y las prácticas cultuales de la Colonia Úlpia Trajana (Xanten, Alemania), destacando su relevancia en las dinámicas religiosas, culturales e identitarias de la región. Tres edificios sagrados estructuraban el paisaje urbano: el Capitolio, asociado a la Tríada Capitolina y posiblemente al culto imperial; el Templo del Puerto, situado entre las esferas religiosa y cívico-política; y el Templo de las Matronas, expresión de la persistencia de cultos céltico-germánicos reinterpretados bajo influencia romana. El análisis de estas evidencias evidencia un escenario de pluralidad religiosa y sincretismo, en el que las prácticas locales y el culto oficial se articulan. El estudio examina el culto a las Matronas como indicador de negociación cultural y romanización, y discute el origen de los cugernos, grupo poblacional que habitaba la región y cuya formación se remonta al reasentamiento de pueblos germánicos y galos en el Bajo Rin, sugiriendo una base galo-romana híbrida y relativizando la hipótesis de un origen exclusivamente germánico del asentamiento. Los templos se interpretan como instrumentos de mediación cultural y marcadores de identidad comunitaria en una región fronteriza del Imperio Romano.
Palabras clave: Colonia Ulpia Traiana; Templos romanos; Culto a las Matronas; Cugernos; Sincretismo.

Introdução

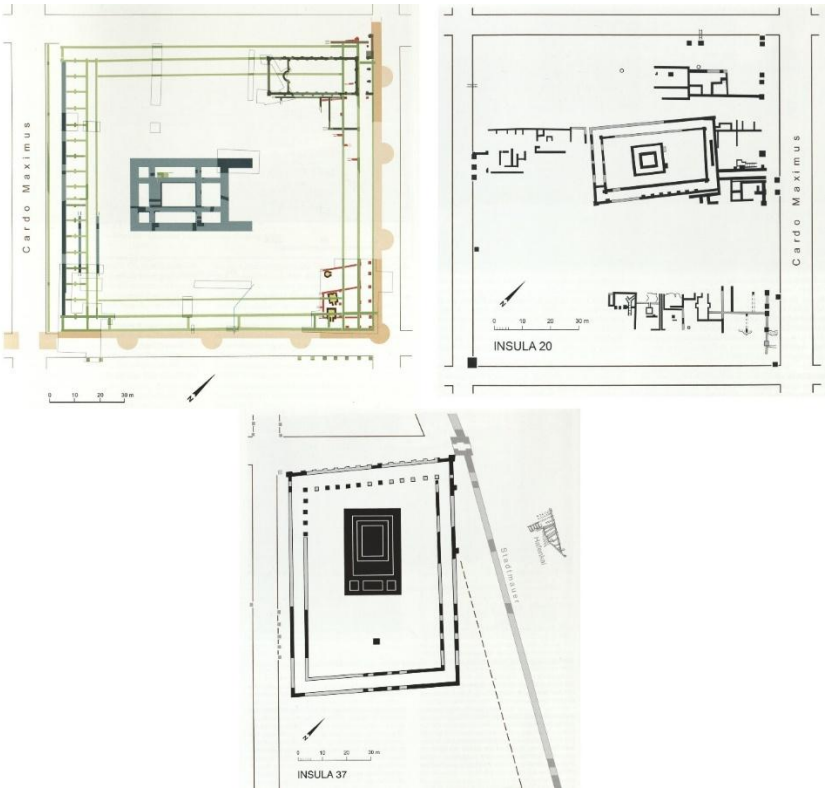
A Colônia Úlpia Trajana, fundada nas margens do Baixo Reno entre o final do século I AEC e início do século I EC e elevada a colônia durante o governo de Trajano, constituiu um dos centros urbanos mais importantes da Germânia Inferior, com papel estratégico nos planos militar, político, econômico e cultural. Em seu perímetro urbano, destacavam-se três grandes templos (Figura 1), além de santuários, altares e estruturas menores (Müller; Willmitzer; Rudnick, 2021), que organizavam grande parte das atividades cultuais da colônia. O Capitólio (*Kapitol*) e o Templo do Porto (*Hafentempel*) seguiam, em linhas gerais, padrões arquitetônicos clássicos (Precht, 2008a; Schalles, 2008a), enquanto o Templo das Matronas (*Matronentempel*) aproximava-se dos chamados templos de deambulatório galo-romanos (*gallorömischen Umgangstempel*) (Figura 2).

Figura 1 – Planta da Colônia Úlpia Trajana, com indicação da localização do Templo do Porto (1), Templo das Matronas (2) e do Capitólio (3).



Fonte: Adaptado de Liesen e Schneider (2001, p. 205, fig. 1).

Figura 2 – Plantas dos templos da Colônia Úlpia Trajana: acima à esquerda, planta do Capitólio *(Insula 26*); acima à direita, planta do Templo das Matronas (*Insula 20*); abaixo, planta do Templo do Porto (*Insula 37*).



Fonte: Adaptado de Precht (2008a, p. 293, fig. 174), Schalles (2008c, p. 322, fig. 194) e Schalles (2008a, p. 314, fig. 190).

A análise dessas estruturas sacras revela um panorama religioso plural, no qual coexistiam a religiosidade oficial romana e práticas cultuais de matriz local ou regional. O Capitólio e o Templo do Porto constituem expressões monumentais da religião oficial romana, associada ao panteão greco-romano e ao culto imperial, desempenhando funções políticas e integradoras que reforçavam a autoridade de Roma e a lealdade das elites locais ao poder central. Em contraste, o chamado Templo das Matronas constitui um testemunho privilegiado da persistência de tradições religiosas locais, reinterpretadas e ressignificadas à luz da presença romana.

Nesse sentido, o estudo desses templos e de sua inserção na paisagem urbana de Xanten permite compreender não apenas a formação populacional do assentamento, mas também processos mais amplos de romanização, resistência cultural e negociação identitária no Baixo Reno. Este artigo busca analisar o papel dos templos na Colônia Úlpia Trajana como espaços de prática religiosa, integrados tanto à religião oficial romana quanto a tradições locais. A hipótese central é que tais edifícios podem ser interpretados como pontos de mediação cultural, nos quais se negociaram formas de continuidade, adaptação e resistência.

Os templos da Colônia Úlpia Trajana: o Capitólio

O Capitólio da Colônia Úlpia Trajana constitui um dos exemplos mais significativos da arquitetura religiosa romana no Baixo Reno. Tradicionalmente dedicado à Tríade Capitolina – Júpiter, Juno e Minerva – suas características construtivas permitem analisar tanto a sua função religiosa quanto a organização urbana do entorno. Situado na *Insula 26*, o templo foi objeto de escavações desde o início do século XIX, conforme sintetizado por Precht (2008a). Destacam-se posteriormente, as escavações de 1927 – cujos achados foram publicados por Hinz (1971) –, da década de 1930, conduzidas por Stoll (1936), e ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, que revelaram sucessivas fases de ocupação, reconstrução e alterações significativas na disposição do recinto sagrado (*temenos*) e dos edifícios periféricos.

Investigações evidenciaram uma ocupação contínua desde o início do século I até meados do século IV EC, além de uma complexa sucessão de construções, incluindo casas, pórticos e fornos para produção de tijolos, sobre os quais o recinto sagrado foi erigido (Precht, 2008a).

O templo em si (*templum*) apresentava fundações maciças em grauvaque, profundamente assentadas sobre palafitas, com paredes de calcário cinzento e lesenas[1] que reforçavam e destacavam os cantos e fachadas (Precht, 1995). No interior, a cela (*cella*) possuía uma câmara absidal, cuja parede oeste, ampliada, provavelmente sustentava uma ou mais estátuas cultuais. Sua planta indicava um templo elevado sobre pódio (*podium*), com uma fachada frontal composta por oito colunas –possivelmente um templo pseudodíptero – e onze colunas distribuídas ao longo das laterais (Schalles, 1995).

Além do templo central, a área sagrada incluía construções anexas, como pórticos (*porticus*) que delimitavam o pátio, edifícios com múltiplas câmaras ao longo das bordas leste, norte e sul, e uma ala oeste concebida como edifício independente, provavelmente destinado a atividades internas da hierarquia sacerdotal.

Fragmentos de elementos arquitetônicos, como capitéis e colunas, evidenciam a utilização de calcário na ornamentação, enquanto a qualidade do acabamento interno e a presença da abside sugerem tratar-se de um edifício público de grande relevância. Embora a função exata da construção – templo, cúria (*curia*) ou *schola* – ainda seja objeto de debate, sua localização e dimensões reduzem significativamente a plausibilidade das duas últimas hipóteses (Precht, 2008a).

A datação da construção baseia-se em achados cerâmicos, moedas e análises estratigráficas, os quais indicam uma ocupação inicial datada entre 118 e 136 EC, durante o reinado de Adriano. Casas privadas pré-existentes na *Insula 26* já respeitavam a divisão urbana em lotes, sugerindo que o templo foi construído após a consolidação do planejamento urbano da colônia (Precht, 1995).

No que se refere às atividades de culto, não foram identificados vestígios diretos de rituais, oferendas ou objetos litúrgicos. No entanto, a análise arquitetônica permite inferir funções religiosas: o espaço central do templo, a parede reforçada para suportar estátuas e a presença de absides indicam que se tratava de um local destinado à exibição de cultos e possivelmente à realização de cerimônias públicas. Comparações com templos capitolinos em outras cidades romanas (Hinz, 1971, p. 195; Stoll, 1936, p. 188) e com edifícios associados à ordem dos sacerdotes augustais (*Augustales*) (Precht, 2008a, p. 306; Schalles, 2008b, p. 330) sugerem que o templo poderia ter servido tanto ao culto da

[1] Elementos verticais salientes semelhantes a pilastras estreitas e em baixo relevo, sem base ou capitel, usados para reforçar e decorar fachadas.

Tríade Capitolina (Schalles, 1995, p. 412) quanto, eventualmente, ao culto imperial (Precht, 2008a, p. 309; Schalles, 2008b, p. 330).

Os templos da Colônia Úlpia Trajana: o Templo do Porto

O denominado Templo do Porto da Colonia Úlpia Trajana constitui um dos mais notáveis edifícios religiosos de Xanten, ao lado do Capitólio. Sua localização, na borda oriental da colônia, próxima a um antigo braço do Reno, sugere que ele exercia não apenas funções religiosas, mas também simbólicas e políticas, atuando como marco visual de poder e de proteção divina da fronteira. As primeiras investigações sistemáticas, conduzidas por Harald von Petrikovits entre 1934 e 1936, revelaram vestígios de uma sólida plataforma de fundação em concreto romano (*opus caementicium*) de mais de dois metros de altura, os quais foram utilizados para confirmar a presença do templo (Schalles, 2008a).

Escavações posteriores, realizadas entre 1977 e 1978 no contexto das obras de implantação do Parque Arqueológico de Xanten, revelaram não apenas a totalidade de sua fundação, mas também evidências de ocupação pré-colonial, incluindo vestígios de habitações em barro e madeira, valas, poços e uma rua pavimentada com cascalho (von Petrikovits, 1952).

A construção do templo demandou soluções técnicas sofisticadas, em função da instabilidade do terreno. Dentre elas, destaca-se uma cava de três metros de profundidade, na qual se fixou uma grade de troncos de carvalho, reforçada com estacas e ramos entrelaçados, sobre a qual foram depositadas cerca de 14 mil toneladas de alvenaria (Schalles, 2008a). As marcas deixadas pelos blocos permitiram reconstituir a planta do edifício: um templo períptero de ordem coríntia com colunata externa, cela central e acesso por escadaria voltada ao sul, com o altar principal posicionado diante do pódio. Restos de estuque, mármore, pintura e elementos arquitetônicos evidenciam o elevado grau decorativo da construção.

O templo erguia-se no centro de um recinto sagrado de cerca de 68 x 94 m, delimitado por um pórtico. No lado oeste situava-se provavelmente a entrada principal, marcada por um pórtico duplo. Algumas características, como a inclinação do recinto em forma de paralelogramo e a sobreposição ao portão de acesso ao porto, permanecem de difícil interpretação. Ainda assim, a monumentalidade do conjunto – que atingia quase 27 metros de altura – evidencia tratar-se de um dos maiores complexos cultuais da cidade.

A datação do templo, baseada em evidências dendrocronológicas e arquitetônicas, situa sua construção na primeira metade do século II EC (Schalles, 2008a).

Quanto às atividades cultuais, os vestígios são fragmentários. Próximo ao pódio foram encontrados restos escultóricos bastante deteriorados, incluindo cabeças, membros e fragmentos de escudos decorados com a Medusa, além de partes de estátuas couraçadas e uma cabeça imperial da dinastia júlio-claudiana. Adicionalmente, um pequeno altar votivo, com decorações representando possivelmente um bucrânio (*bucranium*) com ornamentos florais, foi identificado no local. Ainda que este altar tenha provavelmente sido destinado como oferta votiva no Templo do Porto, não se pode descartar a possibilidade de que tenha anteriormente integrado um larário (*lararium*) (Groeneveld, 1995)

Embora não se saiba com precisão a qual divindade o templo era dedicado, hipóteses interpretativas sugerem Marte (Rüger, 2002) ou que se trataria de um monumento de culto a Trajano divinizado, promovido por Adriano (Zelle, 2000), mas tais interpretações permanecem especulativas (Schalles, 2008b, p. 330). Não é possível confirmar se esses elementos de fato integravam o programa original do templo, porém, a localização estratégica do templo, em uma zona de intenso tráfego fluvial e próxima às instalações portuárias e militares, e a integração desses elementos (esculturas armadas e de cabeças de imperadores e uma possível representação de Marte) em um ambiente decorativo de caráter monumental, sugerem uma provável associação ao culto imperial (Zelle, 2000) ou a um culto militar (Rüger, 2002). É plausível, portanto, que o templo exercesse não apenas funções religiosas, mas também simbólicas e políticas, atuando como marco visual de poder e de proteção divina da fronteira, reforçando sua dupla dimensão sacra e estratégica.

O abandono do edifício ocorreu por volta de 275-276 EC, quando as invasões francas resultaram na redução da colônia a um núcleo fortificado (Hawicks et al., 2007). Nesse contexto, templos e grandes construções periféricas foram desmontados, tanto para reaproveitamento de materiais quanto para evitar que ruínas servissem de abrigo a potenciais inimigos.

Os templos da Colônia Úlpia Trajana: o Templo das Matronas

Os primeiros estudos do Templo das Matronas remontam a uma escavação

emergencial realizada no inverno de 1973/74 na área da *Insula 20* da colônia (Freigang, 1995; Zelle, 1995). Nos anos 1990, novas escavações foram conduzidas no sítio, durante as quais as fundações de grauvaque e as diversas camadas de alvenaria foram mais uma vez expostas. Essas novas atividades resultaram na publicação mais abrangente dos achados arqueológicos em 1995.

Diferente do Capitólio e do Templo do Porto, que ocupavam toda a extensão de suas respectivas *insulae* e eram circundados por ruas que permitiam acesso direto às suas instalações, o Templo das Matronas encontrava-se inserido em uma densa área residencial (Hawicks et al., 2007; Schalles, 2008c), nas proximidades do *cardo maximus*, e só podia ser acessado através de um estreito corredor de aproximadamente três metros de largura.

O corredor conectava-se ao canto sudeste do recinto sagrado, uma pequena praça de aproximadamente 44,5 x 27,1m, em forma de paralelogramo, delimitada em seus quatro lados por uma dupla muralha (Zelle, 1995). Reforçadas em cada canto por pequenos contrafortes, essas muralhas configuravam um pórtico[2] com cerca de 3,20 m de largura, cujo piso era revestido por uma camada de argila batida (Schalles, 2008c).

A estrutura do templo em si (*aedes*) localizava-se próxima ao centro da praça, levemente deslocada para o oeste (Zelle, 1995). A cela, de planta retangular, media 4,40 m de comprimento por 3,80 m de largura e era circundada por um pórtico de cerca de 2 m de largura. Essas características, conforme mencionado anteriormente, aproximam esse templo das proporções dos chamados Templos de Deambulatório Galo-Romanos, construções relativamente pequenas destinadas ao culto de divindades gaulesas ou germânicas, com um corpo construtivo que remonta aos *Viereckschanzen*[3].

Tanto a fachada de entrada (Schalles, 2008c), quanto restos de reboco pintado e diversos fragmentos de placas de mármores da área da cela indicam uma decoração arquitetônica de elevado requinte (Freigang, 1995).

No que tange às práticas cultuais, algumas evidências arqueológicas localizadas no templo permitem inferir aspectos da vida religiosa na colônia. Acredita-se, por exemplo, que os nichos criados pelas lesenas na parede posterior do pórtico sul – usados possivelmente como assentos ou locais de oferenda, bem como uma fundação de tijolos

[2] Se os dois fragmentos de colunas encontrados no distrito do templo puderem ser associados à configuração arquitetônica do pórtico, este deve ser interpretado como um pórtico aberto. Contudo, a reduzida altura dos elementos preservados (1,28 m e 2,24 m) sugere que as colunas teriam sido originalmente assentadas sobre um muro de base, que lhes conferia a elevação necessária (Freigang, 1995; Schalles, 2008c).

[3] Bastante comuns nas regiões meridionais da Germânia, os *Viereckschanzen* constituíam-se como núcleos industriais abertos e propriedades rurais cercadas por fortificações compostas de muralhas de terra, paliçadas e fossos, geralmente associadas a elites locais.

da parte oriental do pórtico tenham sido utilizados como instalação para oferendas votivas, tais como estátuas ou relevos (Freigang, 1995; Zelle, 1995). As atividades cultuais também ocorreriam, provavelmente, em um cômodo compartimentado situado no canto sudoeste do pórtico ocidental (Schalles, 2008c, p. 200).

Outros achados arqueológicos associados às práticas religiosas incluem fragmentos de incensários e possíveis suportes para velas, que poderiam estar ligados à realização de sacrifícios sobre um altar em chamas. Adicionalmente, um tesouro composto por cerca de 300 moedas e alguns objetos de prata, datado de aproximadamente 260 EC, foi encontrado no canto noroeste do recinto sagrado, podendo ter sido depositado como oferenda[4] (Freigang, 1995; Schalles, 2008c; Zelle, 1995).

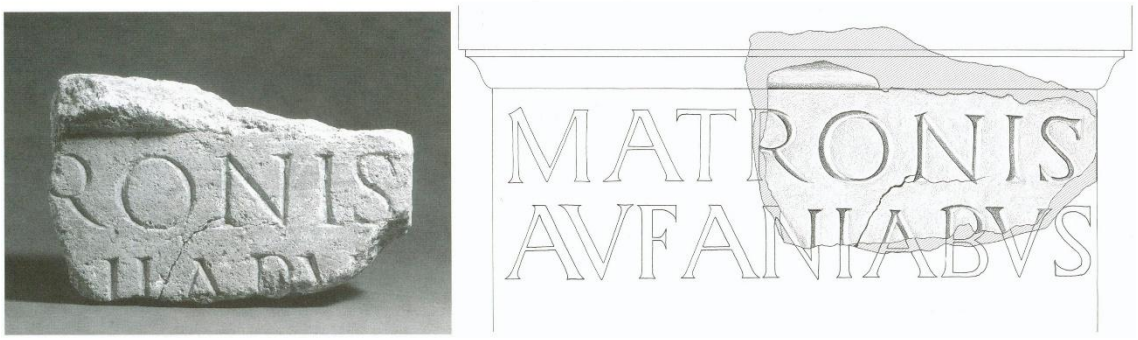
Não obstante, as evidências mais concretas de práticas religiosas no Templo das Matronas são os fragmentos de dois altares votivos (Figuras 3 e 4) encontrados no recinto. Em ambos, as Matronas são mencionadas como as divindades cultuadas: no primeiro, além da representação fragmentada das divindades no topo, é possível identificar a inscrição [M]ATRO/[NIS]; já no segundo, bastante fragmentado, a inscrição pôde ser reconstruída como [MAT]RONIS / [AUFALNIABU[S] (*AE*, 1977, 566).

Figura 3 – À esquerda, fragmento de um dos altares votivos encontrados no Templo das Matrona; à direita, ilustração do fragmento com interpretação da inscrição.

Fonte: Adaptado de Zelle (1995, p. 109, figs. 124 e 125).

[4] Embora se discuta se esse tesouro ainda se relaciona à fase de uso do Templo das Matronas, a hipótese é plausível, uma vez que há registros epigráficos de oferendas às Matronas na Renânia datados até 252 EC (Rüger, 1987).

Figura 4 – À esquerda, fragmento de um dos altares votivos encontrados no Templo das Matrona; à direita, ilustração do fragmento com interpretação da inscrição.



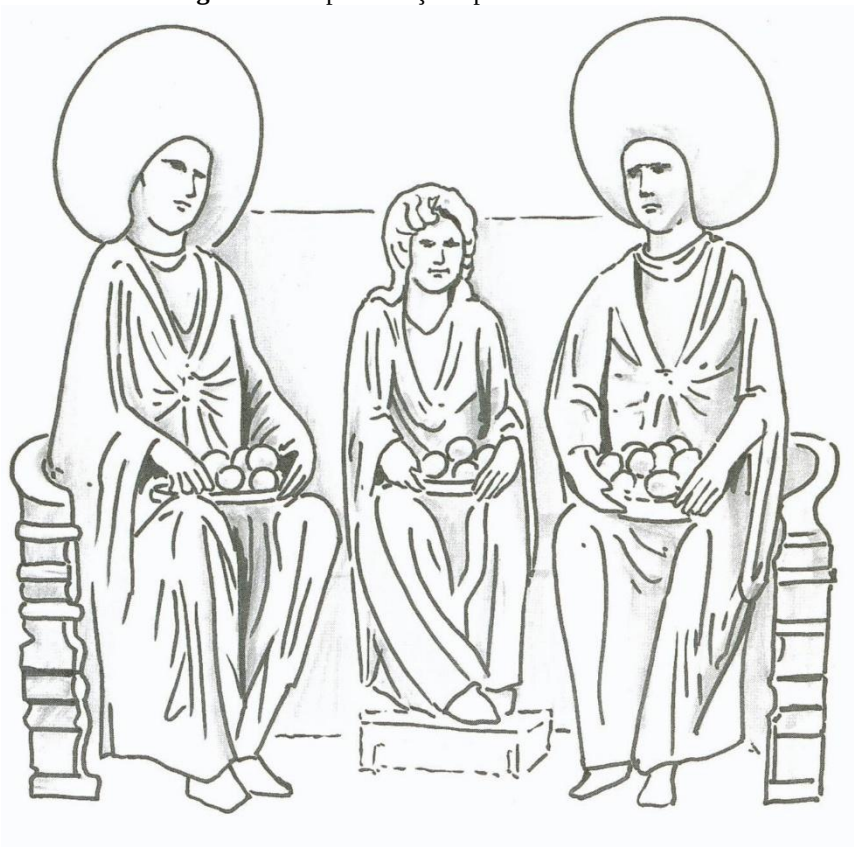
Fonte: Adaptado de Zelle (1995, p. 110, figs. 126 e 127).

O culto às Matronas evidencia uma prática religiosa duradoura e complexa, que articula tradições gaulesas e germânicas com formas de devoção romanas. A maior concentração de evidências arqueológicas a ele associadas situa-se na região correspondente, aproximadamente, ao território dos úbios, no noroeste da Germânia Inferior. Este povo germânico, originalmente instalado na margem direita do Reno, foi transferido para a margem esquerda sob Cláudio, por volta de 39-40 EC, na área que hoje corresponde à cidade de Colônia e seus arredores.

As Matronas constituem divindades femininas de origem céltico-germânica, o que sugere que, no início, o seu culto ocorria provavelmente junto a árvores e bosques sagrados, uma vez que os cultos germânicos e muitos dos cultos gauleses eram anicônicos (Zelle, 1995). Acredita-se que sua forma antropomórfica, geralmente apresentada como uma tríade feminina teria surgido na Renânia com a construção de um templo em Bonn, cuja inscrição dedicatória é datada, no mais tardar, do ano 161 EC (Rüger, 1987; Schalles, 2008c; Stolte, 1986). Pesquisas mais recentes, no entanto, relativizam essa interpretação e o papel central desse santuário na Renânia, mantendo em aberto a questão da origem do culto (Eck; Koßmann, 2009).

Na maioria das representações (Figura 5), as Matronas aparecem geralmente sentadas, costumam vestir uma túnica longa, sobre a qual é colocado um manto adicional, preso por um broche abaixo do peito, e usam algum adereço no pescoço (Eck; Koßmann, 2009). Duas figuras exibem um grande capuz, enquanto a figura central, de cabelo solto e trança, sugere a representação de uma mulher não casada. Frequentemente portam cestos cheios de frutas no colo.

Figura 5 – Representação típica das Matronas.



Fonte: Adaptado de Zelle (1995, p. 111, fig. 128).

A prática de dedicar altares às Matronas parece ter surgido na segunda metade do século I EC, em associação à adoção de formas romanas de devoção (Eck; Koßmann, 2009). Todavia, alguns estudos indicam que o aumento significativo de votos pessoais[5] dirigidos às Matronas ocorreu posteriormente (Bauchhenß; Willer, 2021; Schalles, 2008c). Este fenômeno estaria relacionado à insegurança vivenciada pelos membros da *Legio I Minervia*, estacionada em Bonn, no contexto dos preparativos para a campanha de Marco Aurélio e Lúcio Vero contra os partas, após cerca de meio século de relativa estabilidade na região. Com a vitória romana no Oriente e o retorno das tropas ao Reno, o culto às Matronas teria rapidamente se difundido do meio militar ao sacerdócio

[5] Um exemplo expressivo encontra-se em uma inscrição (*CIL*, XIII, 8213), proveniente de Colônia e datada entre 162 e 166 EC. O texto registra a dedicação "MARONIS / AVFANIB . C / IVL . MANSVE / TVS . M.L.I.M. / P.F.V.S.L.M. FVI / T . AD . ALVTWI / FLWEN . SECVS / MONT . CAVCAS", o qual foi interpretado como "Às Matronas Aufanas! Caio Júlio Mansueto, soldado da Primeira Legião Minervia, fiel e leal, cumpriu seu voto com prazer e de maneira devida. Chegou salvo até o rio Alatus, nas montanhas do Cáucaso".

provincial e às elites municipais e provinciais da Germânia Inferior.

A fundação do templo em Xanten, provavelmente ocorrida em meados do século II EC, pode, portanto, ter sido consequência direta da difusão desse culto na região. Essa datação coincide ainda com achados arqueológicos, tais quais vestígios arquitetônicos de casas simples e fragmentos de cerâmica utilitária comum, ânforas e cerâmica fina de mesa (Freigang, 1995; Liesen; Schneider, 2001; Remesal Rodríguez, 2018), datados das décadas finais do século I até meados do século II EC, identificados sob a camada estratigráfica correspondente às fundações do templo. Esses achados remetem ao uso da área para fins residenciais e comerciais, ainda que em uma escala pouco significativa, corroborando a ideia de que o núcleo da ocupação urbana se concentrava mais próximo às margens do Reno durante o século I EC.

O santuário foi abandonado entre o final do século III e início do IV EC, quando a colônia retraiu-se às nove *insulae* centrais, que passaram a ser protegidas por muralhas e fossos duplos.

A origem dos cugernos

Segundo os relatos transmitidos pelas fontes textuais, a fundação do assentamento que daria origem à Colônia Úlpia Trajana remonta às campanhas militares conduzidas por Tibério na Germânia, ainda durante o governo de Augusto, entre 12 e 11 AEC, contra os sugambros – povo germânico cujos territórios se situavam na margem direita do Reno, entre os rios Ruhr e Sieg.

Após a vitória romana, Tibério teria promovido, por volta de 8 AEC, o reassentamento de aproximadamente 40.000 membros dos sugambros na margem ocidental do Baixo Reno. Esse deslocamento populacional resultou na formação de um novo grupo identificado nas fontes romanas como cugernos (*cugerni*/*cuberni*/*ciberni*) (Bechert, 2007, p. 18; Patalan, 2021, p. 366; Plínio, o Velho, *Naturalis historia*, IV.17(31); Precht, 2008b, p. 198-199; Tácito, *Historiae*, V.16; V.18).

Com base em fontes textuais e epigráficas, bem como em vestígios arqueológicos de sepultamentos, estruturas arquitetônicas e em uma presença restrita de cerâmica local, alguns estudiosos (Binding, 1972; Bogaers, 1989; Hinz, 1971; Oelmann, 1936; Rüger, 2002; von Petrikovits, 1952) defenderam com entusiasmo uma origem germânica autóctone para o assentamento, corroborando, assim, esse tipo de narrativa literária.

Suas teses, em linhas gerais, partem da premissa de que a pesquisa arqueológica

ainda não conseguiu estabelecer de forma conclusiva a origem dos cugernos. Dentro dessa perspectiva, alguns estudos defendem que os cugernos já constituíam uma população estabelecida na área da futura Colônia Úlpia Trajana antes mesmo da presença romana no Baixo Reno, enquanto outros propõem que os cugernos formavam um grupo heterogêneo, resultante da fusão dos sugambros reassentados com outros contingentes, incluindo suevos e populações locais do Baixo Reno.

Por outro lado, uma segunda linha de interpretação sustenta que a transição estrutural e infraestrutural do assentamento pré-colonial para a colônia romana teria sido marcada pela instalação inicial de unidades militares, posteriormente substituídas por ocupação civil. Embora essa hipótese tenha recebido críticas de estudiosos como Precht (2008b), Schalles (2008d) e Hawicks et al. (2007), ela foi amplamente difundida a partir da década de 1990 por K. H. Lenz, com base na análise de vestígios de artefatos militares (*militaria*) encontrados na área do antigo assentamento (Lenz, 2001, 2006).

Pesquisas arqueológicas mais recentes, contudo, têm apontado para uma terceira linha interpretativa, segundo a qual o assentamento não teria se originado exclusivamente de um núcleo demográfico germânico. Precht (2008b, p. 198), por exemplo, argumenta que, embora a tradição literária mencione a realocação dos sugambros, não foram identificados vestígios materiais de caráter germânico – seja na cerâmica, seja nas estruturas habitacionais – nos estratos correspondentes à fase inicial de ocupação.

As origens e a provável denominação do assentamento pré-colonial constituem, desde a década de 1930, objeto de intenso debate, como sintetizado por Precht (2008b), Schalles (2008d) e Patalan (2021). Um marco importante nessa questão foi a descoberta, ocorrida em 1979, de um altar votivo dedicado a Marte Cicollus (*Mars Cicollus*), datado entre 55/56 e 68 EC e erigido pelos língones (*lingones*) – povo originário da Gália central – em favor da saúde (*pro salute*) do imperador Nero (Figura 6). O monumento, identificado próximo à área do Templo do Porto, apresenta uma inscrição[6] parcialmente preservada – CIVES LINGONVM QVI CIB (com as variações CIP, CIR, GIP ou GIR) – , na qual os língones seriam relacionados ao termo *Cibernoduri*. Segundo Bogaers (1989, p. 78-80), esse termo (caso locativo do nominativo *Cibernodurum*) pode ser interpretado

[6] A inscrição foi reconstituída por Bogaers (1989, p. 77) como: Marti Cicol/lui sacrum / pro salute [[Ne/ronis Caes(aris)?]] Au[g(usti)] / German[i]ci im[p(eratoris)] / p(atris) [p(atriae)] / cives Lingonum qui Cib (Cip, Cir, Gib, Gip ou Gir)..... / consistun[t---]. É interessante observar que o nome de Nero foi apagado das linhas 3 e 4 da inscrição como consequência da *damnatio memoriae* pronunciada contra o imperador após sua morte, em 9 de junho de 68.

como um etnônimo, especialmente em virtude do sufixo *-durum*, substantivo celta que significa "fortaleza" ou "cidade", associado ao termo *cuberni* – forma alternativa utilizada por Plínio, o Velho (*Naturalis historia*, IV.17(31)) para designar os cugernos.

Figura 6 – À esquerda, altar votivo dedicado a Marte Cicollus pelos língones; à direita, transcrição da inscrição.

Fonte: Adaptado de Schmitz (2008, p. 133, fig. 93) e Bogaers (1989, p. 78, fig. 1).

Apesar da deterioração que compromete uma leitura mais precisa da inscrição, destaca-se o fato de que os dedicantes do altar eram inequivocamente membros dos língones, um grupo gaulês romanizado estabelecido na região (Bauchhenß; Willer, 2021; Patalan, 2021, p. 366; Precht, 2008b, p. 200; Rothenhöfer, 2018, p. 69). Tal evidência tem sido mobilizada para sustentar a hipótese de uma fundação galo-romana para o assentamento inicial, em oposição à suposição mais antiga de que se trataria de um núcleo germânico autóctone (Oelmann, 1936; von Petrikovits, 1952). Nessa perspectiva, a população original seria composta majoritariamente por gauleses romanizados, convivendo ao lado de veteranos das legiões romanas anteriormente estacionadas na região.

Conforme ressalta Patalan (2021, p. 367-368), os vestígios galo-romanos predominam no conjunto do material arqueológico de Xanten. Além de inscrições que mencionam explicitamente grupos gauleses – em contraste com a ausência de referências a povos germânicos –, como no caso do altar dos língones, o próprio traçado urbano do

assentamento pré-colonial, estruturado em ruas que se cruzam em ângulos retos, evidencia um planejamento claramente romano.

Bechert (2007, p. 96-97), Hawicks et al. (2007, p. 370), Schalles (2008d, p. 258), Rothenhöfer (2018, p. 69-71) e Ruffing (2018, p. 13-14) argumentam que o estabelecimento – ainda que temporário – de diversas instalações militares ao longo do Reno, durante as primeiras campanhas germânicas, atraiu contingentes civis para a região do Baixo Reno. Esses grupos passaram a suprir as tropas com uma variedade de mercadorias e serviços, atendendo às demandas de soldados que dispunham de poder aquisitivo relativamente elevado (Rothenhöfer, 2018, p. 69-71; Schalles, 2008d, p. 258).

Religião e culto na Colônia Úlpia Trajana

A vida religiosa nas províncias do Império era profundamente marcada pela presença da religião oficial romana, baseada no panteão greco-romano e no culto ao imperador. Em Xanten, esse sistema religioso era atestado pela existência do Capitólio, do Templo do Porto, e de diversos suportes arqueológicos que evidenciam seu forte caráter político e integrador, posto que ele não apenas reforçava a autoridade de Roma, mas também criava um campo simbólico comum no qual as elites locais e provinciais podiam manifestar sua lealdade ao poder central. Altares, templos e dedicatórias dirigidos a divindades como Júpiter Ótimo Máximo (*Iuppiter Optimus Maximus*) ou Marte (Schalles, 2008b, p. 329-332), assim como inscrições votivas em nome da saúde do imperador, ressaltam o papel central dessas práticas na legitimação da ordem imperial.

No entanto, essa estrutura não se impôs de forma homogênea. Na Germânia Inferior, práticas locais persistiram e dialogaram com a religião romana. No caso da Colônia Úlpia Trajana, as evidências arqueológicas e epigráficas demonstram a forte presença de divindades celtas e, em menor medida, germânicas. Seus cultos foram preservados, reinterpretados e, muitas vezes, associados ao sistema romano, gerando expressões sincréticas e novas iconografias que configuraram um verdadeiro amálgama religioso (Bauchhenß; Willer, 2021; Schalles, 2008b; Stolte, 1986).

A análise das manifestações religiosas de matriz celta e germânica em Xanten é particularmente elucidativa para a compreensão da sociedade local. Elas revelam, de um lado, a composição populacional marcada por gauleses romanizados e, em menor grau, grupos germânicos reassentados, e, de outro, a persistência de divindades nativas

reinterpretadas em meio à difusão da religião de Estado, indício de resistência e afirmação identitária. O registro material dessas práticas ultrapassa a esfera religiosa, evidenciando negociações culturais que moldaram a vida social da colônia. Um exemplo notável é a estatueta de bronze, atribuída a Júpiter, encontrada em 1978 em contexto pré-colonial: embora representado de modo típico ao estilo Capitolino, o deus traz adornos em forma de torques (Figura 7), elemento celta incorporado a iconografias romanas no noroeste provincial (Groeneveld, 1995).

Figura 7 – À esquerda, estatueta de bronze, atribuída a Júpiter Capitolino, com adornos em forma de torque; à direita, a mesma estatueta antes de sua restauração.

Fonte: Adaptado de Groeneveld (1995, p. 102, figs. 117 e 118).

Este achado, que pode ser também interpretado como o deus celta Taranis ou uma figura sincrética, ilustra como símbolos centrais da religiosidade romana podiam ser ressignificados e compreendidos como marcadores de resistência cultural pelas comunidades locais. Outros vestígios reforçam a presença de práticas gaulesas em Xanten, como as estatuetas de Mercúrio (Bauchhenß; Willer, 2021; Groeneveld, 1995; Stolte, 1986), associadas ao comércio e às atividades artesanais ligadas à migração gaulesa, e as representações do touro tricorne *Tarvos Trigaranus*, de origem na Gália Oriental, cujo exemplar mais conhecido provém do acampamento de Vetera I (Schalles, 2008b; Zelle, 2000).

No contexto das chamadas “deusas-mães”, destacam-se as Júnones (*Iunones*) celtas, equivalentes femininos dos Gênios (*Genii*). Em Xanten, elas são mencionadas em duas inscrições hoje perdidas: em uma, veneradas como *Iunones omnes*, associadas a Júpiter Ótimo Máximo, e, em outra, isoladamente, como *Iunones sive Gabiae* (Rüger, 1987; Schalles, 2008b).

A associação entre divindades femininas e masculinas era recorrente na região: Marte Camulo (*Mars Camulus*), atestado em um altar (*CIL*, XIII, 8701), encontrado em Rindern e dedicado pelos remos (*remi*) à saúde de Nero (Bauchhenß; Willer, 2021; Groeneveld, 1995; Schalles, 2008b) era frequentemente associado a Arduina, deusa tutelar das Ardenas, frequentemente comparada a Diana. De maneira similar, Marte Cicollus, venerado em Xanten, era frequentemente vinculado a Belona, que pode corresponder à deusa celta Litavis.

Algumas divindades não acompanhadas de pares greco-romanos parecem refletir um caráter não-romano ou não-romanizado, sendo constructos resultantes da interação entre crenças celtas e romanas. É o caso de Epona, conhecida em Xanten por um fragmento de dedicatória encontrado no Templo das Matronas, onde aparece como uma figura feminina com capuz montada em um cavalo (Zelle, 1995). A deusa exemplifica as transformações ocorridas no panteão celta sob a ocupação romana: se antes provavelmente não tinha forma antropomórfica, no período romano passou a ser representada pela associação de uma mulher com um cavalo e ou um potro (Schalles, 2008b, p. 333-334). Sua presença no Templo das Matronas se explica pela ocorrência, em outras regiões, de inscrições votivas que a vinculam a essas divindades (Zelle, 1995).

Embora mais escassas, as evidências de presença germânica também revelam cultos locais. Em Xanten, destaca-se a inscrição dedicada a Dea Hludana (*CIL*, XIII, 8611), encontrada em Birten, com paralelos em Iversheim (Eifel) e Beetgum (Frísia). Representada de modo semelhante às Matronas – sentada em um trono e com longo manto –, Hludana possivelmente se vincula à deusa nórdica da terra Hlóðyn (Jörð, Fjörgyn). Outro testemunho relevante é a estela (*CIL*, XIII, 8606) dedicada *ex iussu* à deusa Alateivia por um médico chamado Divos, constituindo sua única menção conhecida. Tais registros de divindades locais – frequentemente de origem celta ou germânica, ou distintos das fórmulas epigráficas romanas – ocupam lugar central no panorama religioso da Germânia sob domínio romano.

No que diz respeito aos templos, O Capitólio e o Templo do Porto foram centrais na vida religiosa de Xanten, expressando a integração da colônia ao sistema romano e a monumentalização do espaço urbano. O Capitólio, ligado à Tríade Capitolina e possivelmente ao culto imperial, funcionava como centro cívico-religioso, enquanto o Templo do Porto, erguido junto ao Reno, combinava monumentalidade arquitetônica com funções simbólicas e possivelmente militares. Ambos ilustram o papel da arquitetura sacra como instrumento de integração política e coesão social na Germânia Inferior.

Em contraste, evidências como o altar dedicado a Marte Cicollus apontam para a persistência e institucionalização de tradições cultuais celtas em Xanten. Sua descoberta sugere a provável existência, já em meados do século I EC, de um santuário consagrado a esta divindade. Oferecido pelos língones, o monumento reflete tanto a difusão do culto de Cicollus quanto a inserção de formas institucionalizadas da religiosidade celta no contexto urbano de Xanten.

Embora erguido em período posterior, o Templo das Matronas também teve grande relevância, refletindo a força do culto a essas divindades femininas, um dos mais expressivos ao longo do Reno (Eck; Koßmann, 2009; Rüger, 1987; Stolte, 1986). Em Xanten, contam-se mais de uma dezena de menções: além das duas já mencionadas – incluindo aquela dedicada às Matronas Aufanas – destaca-se uma dedicada às Matronas Ambiamarcas (*Matrones Ambiamarcae*), encontrada em Wardt, a cerca de dois quilômetros de Xanten, em 1967.

Somados aos achados de regiões como Pesch, Morken-Harff e Bonn (Eck; Koßmann, 2009) – todas situadas na área de influência dos úbios –, os dados sugerem a disposição de numerosos altares votivos em espaços concentrados, indício de uma prática massiva, mas ritualmente simplificada. Além dos altares, é plausível que o culto incluísse sacrifícios menores, oferendas de frutas, moedas, ou objetos preciosos, bem como cerimônias coletivas, como procissões, nem sempre preservadas no registro arqueológico (Zelle, 1995).

Apesar de não se restringir às elites, o culto às Matronas também funcionava como espaço de distinção social. Em Bonn, por exemplo, muitos altares foram dedicados por indivíduos de alto status, incluindo oficiais da *Legio I Minervia*, legados e suas esposas, combinando devoção pessoal e afirmação de prestígio. Em Xanten, a construção do templo na *Insula 20* provavelmente contou com financiamento de um indivíduo abastado ou de associações cultuais (*curiae*) (Zelle, 1995, p. 117-118), enquanto em contextos rurais, como Pesch e Morken-Harff, predominavam dedicantes locais de condição social

modesta, revelando a ampla base popular do culto (Eck; Koßmann, 2009). É pouco provável, contudo, que fundos públicos – isto é, imperiais – tenham sido empregados, dado que o culto às Matronas possuía alcance essencialmente regional (Zelle, 1995).

No norte da Germânia Inferior, a veneração das Matronas Aufanas concentrava-se sobretudo nos centros urbanos, evidenciando o papel das cidades como polos de atração para diferentes comunidades. Considerando a relevância política e econômica da Colônia Úlpia Trajana, é plausível supor que ela tenha reunido membros de distintas comunidades gaulesas e germânicas, incluindo os úbios, tradicionalmente associados ao culto dessas divindades e, possivelmente, responsáveis pela construção do templo a elas dedicado (Zelle, 1995).

Nesse sentido, o culto às Matronas combinava a continuidade de práticas tradicionais com a incorporação de elementos romanos, perceptível tanto nos monumentos duradouros quanto nas práticas votivas, compondo um panorama religioso plural que abrangia cidades, acampamentos militares e áreas rurais.

Cumpre destacar que, enquanto a invocação das Matronas esteve circunscrita sobretudo ao norte da Itália e ao Reno, as Mães (*Matres*), de certa forma equivalentes, tiveram uma difusão mais ampla pelo oeste do Império, com destaque para as áreas do Reno e do Ródano, e da Bretanha, próxima ao Muro de Adriano (Stolte, 1986). De Xanten provêm sete dedicatórias seguras, cujos epítetos derivam de etnônimos (*Frisaviae*, *Treverae*, *Brittae*) ou de topônimos (*Quadruburgiae*[7]) (Schalles, 2008b). A relevância das deusas-mães para a comunidade local é reforçada ainda por inscrições que atestam a existência de um segundo santuário, situado ao sul, entre a Colônia Úlpia Trajana e o acampamento legionário Vetera II.

Considerações finais

A fundação de assentamentos e cidades romanas constituiu um dos pilares da manutenção da presença imperial em regiões fronteiriças, combinando aspectos militares, administrativos, econômicos e simbólicos. No Baixo Reno, centros urbanos como a

[7] Uma evidência concreta do culto às *Matres Quadruburgiae* foi registrada no século XVII, na região do Fürstenberg, ao sul de Xanten. Trata-se de uma estela votiva (*CIL*, XIII, 8638), pertencente a um santuário arborizado (*templum cum arboribus constituit*), erguido no século III EC por ordem de Flávio Severo, veterano da *Legio XXX*, e dedicado tanto às *Matres Quadruburgiae* quanto ao Gênio local (*Genius loci*) (Schalles, 2008b). Apesar disso, os templos dedicados às Matronas parecem não ter exercido grande relevância entre os membros dessa legião (Schmitz, 2008).

Colônia Úlpia Trajana, situada junto ao Reno e à fortaleza legionária de Vetera I, exemplificam essa estratégia. A análise desse caso revela, entretanto, que sua fundação e o desenvolvimento não resultaram de um processo unilateral de imposição romana, mas de uma negociação complexa entre diferentes comunidades e tradições religiosas.

A maior parte das evidências arqueológicas e epigráficas vinculadas à fundação do assentamento apontam para a presença significativa de grupos gauleses romanizados, como os língones e remos, ao lado de veteranos e militares que se estabeleceram na região após o serviço. Essa configuração relativiza a ideia de uma origem exclusivamente germânica para os cugernos, sugerindo antes um núcleo populacional galo-romano que, a partir de contatos com o exército e com as redes de comércio, formou a base da futura colônia. A inscrição dedicada a Marte Cicollus pelos língones constitui um marco nesse debate, reforçando a hipótese de que práticas religiosas de matriz celta estavam profundamente associadas à fundação e à identidade inicial da comunidade.

Nesse contexto, os templos de Xanten refletem a articulação entre religião, identidade e poder: o Capitólio e o Templo do Porto expressam a religião de Estado e a integração ao Império, enquanto o Templo das Matronas preserva tradições celtas e germânicas reinterpretadas sob formas romanas. Essa coexistência demonstra um sincretismo dinâmico, em que cultos oficiais e regionais se sobrepunham e dialogavam, configurando um espaço de negociação identitária.

Obviamente, novos achados e outros suportes arqueológicos devem ser mobilizados para uma pesquisa mais abrangente. No entanto, ao se considerar os templos não apenas como edifícios de culto, mas como instrumentos de mediação cultural, torna-se possível identificar um grande potencial para a compreensão de como a religião atuou como elemento central na constituição de comunidades em territórios de fronteira. Em Xanten, os templos e objetos a eles associados refletem a coexistência entre religião de Estado e práticas cultuais locais. Embora seja difícil comprovar que atuaram diretamente como marcos fundacionais da comunidade, é plausível interpretá-los como instrumentos de integração simbólica, nos quais a autoridade imperial e a memória das populações galo-romanas se entrelaçaram. A religiosidade, ao mesmo tempo em que reforçava a autoridade de Roma, preservava práticas e representações locais, revelando que a construção da colônia foi resultado de múltiplas camadas de continuidade, adaptação e resistência.

Fontes epigráficas

Corpus Inscriptionum Latinarum, XIII, 8213.
Corpus Inscriptionum Latinarum, XIII, 8606
Corpus Inscriptionum Latinarum, XIII, 8611.
Corpus Inscriptionum Latinarum, XIII, 8638.
Corpus Inscriptionum Latinarum, XIII, 8701.
L'Année épigraphique, 1977, 566.

Fontes antigas

PLÍNIO, O VELHO. **Natural History**. Livros III a VII. Tradução de H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1942.

TÁCITO. **Histoires**. Livros IV a V. Tradução de Henri Le Bonniec. Paris: Les Belles-Lettres, 1987.

Referências

BAUCHHENß, Gerhard; WILLER, Susanne. Welcher Göttin, welchem Gott vertraust du? *In*: CLAßEN, Erich; RIND, Michael M.; SCHÜRMANN, Thomas; TRIER, Marcus (Eds.). **Roms fließende Grenzen**. Archäologische Landesausstellung Nordrhein-Westfalen. Schriften zur Bodendenkmalpflege in Nordrhein-Westfalen Band 12. Darmstadt: wbg Theiss, 2021. p. 393-401.

BECHERT, Tilmann. **Germania inferior: eine Provinz an der Nordgrenze des römischen Reiches**. Mainz: von Zabern, 2007.

BINDING, Günther. Holzbauperioden des 1. Jahrhunderts unter der Colonia Ulpia Traiana in Xanten. *In*: LVR-RHEINISCHES LANDESMUSEUM BONN (Ed.). **Beiträge zur Archäologie des römischen Rheinlandes**. Rheinische Ausgrabungen. Bonn: Rheinland Verlag, 1972. v. 3, p. 1-23.

BOGAERS, Julianus Egidius Alphonsus Theresia. Zum Namen des „oppidum Cugernorum". *In*: PRECHT, Gundolf; SCHALLES, Hans-Joachim (Eds.). **Spurenlese. Beiträge zur Geschichte des Xantener Raumes**. Colônia: Rheinland-Verlag, 1989. p. 77-80.

ECK, Werner; KOßMANN, Dirk. Votivaltäre in den Matronenheiligtümern in Niedergermanien: Ein Reflex der städtischen und ländlichen Gesellschaften einer römischen Provinzstadt. *In*: AUFFARTH, Christoph (Ed.). **Religion auf dem Lande. Entstehung und Veränderung von Sakrallandschaften unter römischer Herrschaft**. Potsdamer Altertumswissenschaftliche Beiträge. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2009. p. 73-102.

FREIGANG, Yasmine. Das Heiligtum der Insula 20 in der Colonia Ulpia Traiana. **Xantener Berichte**, v. 6, p. 139-234, 1995.

GROENEVELD, Stephan. Die Ausstattung eines Lararіums. *In*: ARCHÄOLOGISCHER PARK/REGIONALMUSEUM XANTEN (Ed.). **Tatort CUT. Die Spur führt nach Xanten**. Colônia: Rheinland-Verlag, 1995. p. 99-105.

HAWICKS, Heike; HANEL, Norbert; SCHALLES, Hans-Joachim; RUNDE, Ingo. Xanten. *In*: BECK, Heinrich; GEUENICH, Dieter; STEUER, Heiko (Eds.). **Reallexikon der Germanischen Altertumskunde**. Wielbark-Kultur – Zwölften. Berlim: Walter de Gruyter, 2007. p. 363-376.

HINZ, Hermann. Bericht über die Ausgrabungen in der Colonia Ulpia Traiana bei Xanten. *In*: LVR-RHEINISCHES LANDESMUSEUM BONN (Ed.). **Beiträge zur Archäologie des römischen Rheinlandes**. Rheinische Ausgrabungen. Colônia: Rheinland-Verlag, 1971. v. 2. p. 96-199.

LENZ, Karl Heinz. Militaria des 1. Jahrhunderts n. Chr. aus dem Areal der Colonia Ulpia Traiana. **Xantener Berichte**, v. 9, p. 79-85, 2001.

LENZ, Karl Heinz. **Römische Waffen, militärische Ausrüstung und militärische Befunde aus dem Stadtgebiet der Colonia Ulpia Traiana (Xanten)**. Bonn: Habelt, 2006.

LIESEN, Bernd; SCHNEIDER, Gerwulf. Neues zur Produktion römischer Keramik in Xanten. **Bonner Jahrbücher**, v. 201, p. 203-220, 2001.

MÜLLER, Martin; WILLMITZER, Alice; RUDNICK, Bernhard. Neue Forschungen in der Colonia Ulpia Traiana (Xanten). *In*: CLAßEN, Erich; RIND, Michael M.; SCHÜRMANN, Thomas; TRIER, Marcus (Eds.). **Roms fließende Grenzen**. Archäologische Landesausstellung Nordrhein-Westfalen. Schriften zur Bodendenkmalpflege in Nordrhein-Westfalen Band 12. Darmstadt: wbg Theiss, 2021. p. 291-299.

OELMANN, Franz. Bericht über die Tätigkeit des Landesmuseums in Bonn in der Zeit vom 1. April 1934 bis 31. März 1935. **Bonner Jahrbücher**, v. 140/141, p. 429-464, 1936.

PATALAN, Krzysztof. Die Cugerner im Umland von Xanten. *In*: CLAßEN, Erich; RIND, Michael M.; SCHÜRMANN, Thomas; TRIER, Marcus (Eds.). **Roms fließende Grenzen**. Archäologische Landesausstellung Nordrhein-Westfalen. Schriften zur Bodendenkmalpflege in Nordrhein-Westfalen Band 12. Darmstadt: wbg Theiss, 2021. p. 366-371.

PRECHT, Gundolf. Die Capitolsinsula der CUT. Untersuchungen zur Einordnung eines älteren Grabungsbefundes. **Xantener Berichte**, v. 6, p. 323-342, 1995.

PRECHT, Gundolf. Das Kapitol. *In*: MÜLLER, Martin; SCHALLES, Hans-Joachim; ZIELING, Norbert (Eds.). **Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit**. Mainz: von Zabern, 2008a. p. 291-310.

PRECHT, Gundolf. Die früheste römische Besiedlung im Gebiet der späteren CUT. *In*: MÜLLER, Martin; SCHALLES, Hans-Joachim; ZIELING, Norbert (Eds.). **Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit**. Mainz: von Zabern, 2008b. p. 171-209.

REMESAL RODRÍGUEZ, José (Ed.). **Colonia Ulpia Traiana (Xanten) y el Mediterráneo: el comercio de alimentos**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2018.

ROTHENHÖFER, Peter. Wirtschaft und Handel am unteren Niederrhein. **Xantener Berichte**, v. 32, p. 69-88, 2018.

RUFFING, Kai. Wirtschaft und Handel in der Römischen Kaiserzeit. **Xantener Berichte**, v. 32, p. 3-24, 2018.

RÜGER, Christoph Bernhard. Beobachtungen zu den epigraphischen Belegen der Muttergottheiten. *In*: BAUCHHENß, Gerhard; NEUMANN, Günter (Eds.). **Matronen und verwandte Gottheiten. Ergebnisse eines Kolloquiums veranstaltet von der Göttinger Akademiekommission für die Altertumskunde Mittel- und Nordeuropas**. Colônia: Rheinland-Verlag, 1987. p. 1-30.

RÜGER, Christoph Bernhard. Colonia Ulpia Traiana. *In*: HORN, Heinz Günter (Ed.). **Die Römer in Nordrhein-Westfalen**. Hamburgo: Nikol Verlagsgesellschaft, 2002. p. 626-638.

SCHALLES, Hans-Joachim. Überlegungen zur Planung der Colonia Ulpia Traiana und ihrer öffentlichen Bauten im Spiegel städtischer Architektur des 2. Jahrhunderts n. Chr. **Xantener Berichte**, v. 6, p. 379-428, 1995.

SCHALLES, Hans-Joachim. Der Hafentempel. *In*: MÜLLER, Martin; SCHALLES, Hans-Joachim; ZIELING, Norbert (Eds.). **Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit**. Mainz: von Zabern, 2008a. p. 311-318.

SCHALLES, Hans-Joachim. Religion und Kult. *In*: MÜLLER, Martin; SCHALLES, Hans-Joachim; ZIELING, Norbert (Eds.). **Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit**. Mainz: von Zabern, 2008b. p. 325-340.

SCHALLES, Hans-Joachim. Der Matronentempel. *In*: MÜLLER, Martin; SCHALLES, Hans-Joachim; ZIELING, Norbert (Eds.). **Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit**. Mainz: von Zabern, 2008c. p. 319-324.

SCHALLES, Hans-Joachim. Die städtebauliche Entwicklung vom Beginn der römischen Okkupation bis zum Ende des 1. Jahrhunderts n. Chr. *In*: MÜLLER, Martin; SCHALLES, Hans-Joachim; ZIELING, Norbert (Eds.). **Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit**. Mainz: von Zabern, 2008d. p. 257-267.

SCHMITZ, Dirk. Das Lager Vetera II und seine Legionen. *In*: MÜLLER, Martin; SCHALLES, Hans-Joachim; ZIELING, Norbert (Eds.). **Colonia Ulpia Traiana. Xanten und sein Umland in römischer Zeit**. Mainz: von Zabern, 2008. p. 141-170.

STOLL, Hermann. Ergebnisse der Ausgrabung bei Xanten im Winter 1934/35. **Germania: Anzeiger der Römisch-Germanischen Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts**, v. 20, n. 3, p. 184-188, 1936.

STOLTE, Bernardus Hendrikus. Die religiösen Verhältnisse in Niedergermanien. *In*: TEMPORINI, Hildegard; HAASE, Wolfgang (Eds.). **Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung**. Religion (Heidentum: die religiösen Verhältnisse in den Provinzen). Berlim, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1986. v. 1.

VON PETRIKOVITS, Harald. Die Ausgrabungen in der Colonia Traiana bei Xanten: die Ausgrabung der Kernsiedlung und der Uferanlagen (1934-1936). **Bonner Jahrbücher**, v. 112, p. 41-161, 1952.

ZELLE, Michael. Das Matronenheiligtum auf der Insula 20. *In*: ARCHÄOLOGISCHER PARK/REGIONALMUSEUM XANTEN (Ed.). **Tatort CUT**. Die Spur führt nach Xanten. Colônia: Rheinland-Verlag, 1995. p. 106-118.

ZELLE, Michael. **Colonia Ulpia Traiana**. Götter & Kulte. Colônia: Rheinland-Verlag, 2000.

Sobre os autores

Matheus Morais Cruz
Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Colaborador acadêmico de pesquisa (MAE/USP)
Contribuição de autoria: autor
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4520159949216939

Como referenciar este artigo

CRUZ, Matheus Morais. Os templos da colônia úlpia trajana: religião, identidade e mediação cultural. **Perspectivas & Diálogos:** Revista de história social e práticas de ensino. Caetité, v. 8, n. 16, p. 124-147, 2025.